

# Brasília-DF



**CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA**  
carlosalexandre.df@dabr.com.br

## Fator eleitoral

Bolsonaristas têm dito que o governo federal distribuiu 400 milhões de doses de vacina, como resposta às pesadas críticas à postura do contra a covid. A questão é saber se essa argumentação será suficiente para convencer o eleitor de que o momento mais grave da covid-19 foi superado. Com 620 mil mortos, 20 milhões de casos e um relatório da CPI encaminhado às autoridades, seria mais prudente adotar medidas claras para conter a recidiva da pandemia.

## Ser ou não ser

O ministro Marcelo Queiroga decide até o final de março se será ou não candidato à Câmara dos Deputados ou ao Senado pela Paraíba. Queiroga foi estimulado pelo presidente Bolsonaro a ser candidato, mas alguns próceres do Centrão no Palácio do Planalto não querem. Alegam que uma nova troca no ministério da Saúde pode atrapalhar ainda mais o combate à pandemia, que já fez 620 mil vítimas no país e demonstra um novo repique neste início de ano.

## Pesadelo fiscal

A Instituição Fiscal Independente, vinculada ao Senado Federal, traz previsões desalentadoras para 2022. O Relatório de Acompanhamento Fiscal de janeiro, divulgado ontem, estima déficit nas contas públicas de R\$ 106,2 bilhões, o equivalente a 1,1% do PIB. É um cenário bem mais grave do que o projetado no Orçamento deste ano — déficit de R\$ 79,4 bilhões (0,8% do PIB). A aprovação da PEC dos Precatórios, aponta a IFI, contribuiu para o quadro de deterioração fiscal.

## Inflação resistente

As projeções da IFI para a inflação também destoam dos cálculos governistas. Enquanto o Conselho Monetário Nacional estabeleceu 3,5% como o centro da meta, o relatório acompanha a leitura do mercado e prevê uma alta de 5,2% para este ano.



## Com recorde de casos, pandemia volta a assombrar governo

O avanço acelerado da variante ômicron no Brasil — nas últimas 24 horas, foram registrados mais de 200 mil casos no país — impõe mais um teste ao governo Bolsonaro, em particular ao Ministério da Saúde. A julgar pelo histórico da pasta no enfrentamento da pandemia de covid-19, há sólidas razões para se preocupar. Passados quase dois anos da pandemia, o Brasil ainda patina em uma questão antiga — “testar, testar e testar”. A dificuldade de se obter um diagnóstico preciso sobre a ocorrência de casos da variante dificulta uma reação à nova onda de infecções e expõe a rede de atendimento a um novo risco de sobrecarga.

Sobre a ausência de testes, o ministro Marcelo Queiroga decidiu

politicizar a questão, tratando-a como uma “narrativa”. Semanas antes, participou, devidamente alinhado com o posicionamento do presidente da República, do movimento antivacina infantil contra a covid. Primeiramente, defendeu a necessidade de uma prescrição médica para a imunização de crianças. Em seguida, adotou uma diversão pública para simular uma consulta popular a um debate estritamente científico — aplicar vacinas em crianças.

A essa altura, caberia ao governo federal executar uma ação conjunta com estados e municípios para deter o disseminação avassaladora da ômicron. E não criar mais obstáculos para uma situação que tende a complicar.

## Compasso de espera

A chamada esquerda em Brasília — PT, PSB, PDT e PV — ainda espera uma decisão do senador Reguffe (Podemos) se concorrerá ou não ao Palácio do Buriti. Somente depois da decisão dele é que as chapas de oposição tomarão forma. Se aceitar o apoio do PT, Reguffe pode compor uma chapa com um espectro ideológico mais definido e mais alinhado com Lula. Senão, a opção dele pode ser fazer uma composição mais ampla ao centro e até mesmo de direita.

## Apetite

Enquanto o Legislativo não retoma as atividades este ano, o senador Izalci Lucas (PSDB) trabalha pela pré-candidatura ao Palácio do Buriti. Ontem, conversou com produtores rurais na região do PAD-DF. Tinha dois almoços marcados. No fim de semana, estava em Planaltina, a fim de ouvir eleitores.

## Slogan

Em uma rede social, o ex-secretário de Comunicação Social da Presidência da República Fábio Wajngarten deu o mote para o presidente Bolsonaro derrotar o ex-presidente Lula na eleição presidencial de outubro: “A campanha está pronta: ‘O outro lado é ladrão’”. Enquanto isso, o presidente e seu núcleo político procuraram um marqueteiro para chamar de seu.

## No país da fome

Pelo menos 20 milhões de brasileiros passam fome. Na Câmara, projeto do deputado Francisco Júnior (PSD-GO) prevê o repasse de recursos federais a entidades do terceiro setor que distribuem comida para a população em insegurança alimentar. Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede Pensann), o número de brasileiros com deficiência alimentar grave voltou aos patamares de 2004.

## Moeda eleitoral

Ao anunciar a criação de uma criptomoeda carioca, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, pretende oferecer aos contribuintes cariocas desconto no pagamento de impostos municipais. Essa tendência tecnológica também pode ser aplicada nas eleições. “As criptomoedas são uma tendência, até em órgãos públicos, mas ainda não são regulamentadas para as eleições. Uma oportunidade para a Justiça Eleitoral pensar as tendências tecnológicas para além das urnas eletrônicas”, afirma Guilherme Sturm. Ele é fundador da startup Essent Jus, que montou a primeira rede nacional de contabilidade eleitoral 100% digital.

## ELEIÇÕES

# Lula defende aliança com Alckmin

Ex-presidente diz que não terá “problema nenhum” em formar chapa com o ex-governador, apesar de críticas de setores do PT

» RAPHAEL FELICE

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) defendeu uma eventual aliança com o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) para a corrida ao Planalto nas eleições de outubro. “Não terei problema algum em fazer chapa com o Alckmin para ganhar e governar este país. Só não posso confirmar porque falta definir para qual partido ele vai, ver se o partido vai fazer aliança com o PT”, justificou, em entrevista, ontem, a sites de esquerda.

A possível união é alvo de duras críticas dentro do próprio PT. O deputado Rui Falcão (SP), por exemplo, disse que um acerto com o ex-tucano seria uma contradição à história da legenda e enfatizou que a aliança é desnecessária.

Lula argumentou que formar alianças é essencial, pois “não se governa um país sozinho” ou com a visão de apenas um partido. Ele destacou, também, o posicionamento do ex-tucano em relação ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e ao governador de São Paulo, João Doria (PSDB). “Espero que Alckmin esteja junto, sendo vice ou não, porque me parece que ele já se definiu como oposição não só a Bolsonaro como ao ‘dorismo’ aqui em São Paulo. O PSDB do Doria não é o projeto social-democrata de Mário Covas, de FHC (Fernando Henrique Cardoso), de José Serra, criado no período da Constituinte”, ressaltou.

Quando eleito pela primeira vez, em 2002, Lula também recebeu críticas por ter escolhido o empresário José Alencar como seu vice. As alegações eram de que o acerto ia contra os princípios do PT. A parceria, no entanto, mostrou-se bem-sucedida. O ex-companheiro de governo, que morreu em 2011, foi lembrado pelo petista ontem. “Duvido que

alguém tenha a sorte de ter o vice, que eu tive, como José Alencar. Espero que, se Alckmin for vice, que ele esteja ouvindo o que estou falando, porque ele tem de provar que vai ser igual ou melhor que José Alencar. Aí, eu estarei muito tranquilo”, frisou.

O cientista político André César, da Hold Assessoria Legislativa, destacou que a aliança com o ex-governador de São Paulo tem potencial para atrair votos que não iriam para Lula num primeiro momento. “Como as pesquisas mostram que ele está perto de ganhar no primeiro turno, então, teoricamente, com as forças políticas que apoiam Alckmin, teria chance de ganhar no primeiro turno e evitaria a exploração de um antipetismo, no segundo”, avaliou.

## Ataque

Na mesma entrevista, Lula disparou contra o ex-ministro Sergio Moro, pré-candidato à Presidência pelo Podemos. O petista chamou o ex-juiz da Operação Lava-Jato de “canalha”. “Eu tive a sorte de o povo brasileiro me ajudar a provar a farsa que foi montada contra mim em vida. Graças a Deus, consegui desmontar o canalha que foi o Moro no julgamento dos meus processos. O (Deltan) Dallagnol (ex-coordenador da força-tarefa), a mentira, as fake news, o Power Point da quadrilha. Tudo isso foi provado de que quadrilha eram eles”, enfatizou.

Moro usou o Twitter para rebater o ataque. “Canalha é quem roubou o povo brasileiro durante anos e quem usou nosso dinheiro para financiar ditaduras”, devolveu. “E quadrilha é o nome do grupo que fez isso, colocado por você, Lula, na Petrobras. Você será derrotado. Só ofende, pois não tem como explicar a corrupção no seu governo.”

Instituto Lula/ reprodução



O ex-presidente Lula destacou que formar aliança é essencial à governabilidade

## »» **Ciro lança slogan de campanha**

O pré-candidato à Presidência pelo PDT, **Ciro Gomes**, divulgou, ontem, o slogan para sua campanha eleitoral. A frase “Ciro — a rebelião da esperança”, segundo o político, “é o lema” da vida dele. Em publicação no Twitter, ele disse que “a ansiedade é tanta que decidi antecipar esta logomarca para vocês”. “Esta frase é mais que um slogan, é o lema da minha vida! Há mais surpresas na sexta. Vamos que vamos”, acrescentou. A oficialização da pré-candidatura ocorrerá amanhã, após a Convenção Nacional do PDT, na sede do partido, em Brasília. Devido ao avanço da pandemia, principalmente pela variante ômicron, o evento ocorrerá de forma virtual.

## Moro vira sonho de consumo do União Brasil

Pré-candidato à Presidência da República, o ex-ministro Sergio Moro virou sonho de consumo do União Brasil — fusão do DEM com o PSL — para a corrida ao Planalto. Filiado ao Podemos desde 10 de novembro do ano passado, o ex-juiz e seu partido vêm encontrando dificuldades para fazer o nome dele decolar e para costurar acordos por palanques eleitorais nos estados.

A ida para o União Brasil, caso o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprove a fusão das siglas, poderia ser interessante para os objetivos eleitorais de Moro, segundo avaliam políticos da legenda em formação. O

novo superpartido contará com R\$ 1 bilhão do fundo eleitoral e tem boa entrada em palanques estaduais.

Além de mais recursos para investir na campanha, Moro teria mais tempo de propaganda na tevê e no rádio. Dessa forma, em tese, haveria condições de ele tentar romper a polarização Lula/Bolsonaro. Ele, inclusive, é o pré-candidato que mais se encaixa no perfil “antibolsolula”.

O eventual acordo incluiria o Podemos. A chapa seria formada por Moro, como candidato à Presidência pelo União Brasil, e pela deputada federal Renata Abreu (SP), como vice, pelo Podemos.

A possibilidade é vista com

otimismo na bancada pró-Moro dentro do União Brasil. O deputado federal Júnior Bozzella (PSL-SP), por exemplo, entende que o ex-juiz é o candidato da terceira via com mais chance de tirar Bolsonaro do segundo turno e derrotar Lula. “É um nome que tem a simpatia de dirigentes e políticos do partido. A gente precisa fazer um esforço para que o país possa reencontrar o caminho do sucesso e achar uma alternativa que seja a melhor solução, não a menos pior”, argumentou. “Eu tenho defendido a candidatura dele desde que se colocou como um possível pré-candidato. Moro defende as nossas pautas,

as nossas bandeiras, que pensamos em 2018 e, infelizmente, o governo Bolsonaro não nos entregou”, acrescentou.

Do lado do Podemos, não há tanta empolgação. O senador Oriovisto Guimarães (SC) disse que os dois partidos têm boa relação, mas descartou a possibilidade de Moro trocar de sigla. “Não tem cabimento. O Podemos tem boa relação com União Brasil, provavelmente eles vão indicar um vice para Moro, possivelmente em abril. O resto é especulação”, sustentou o vice-líder do Podemos no Senado Federal. **(Raphael Felice e Bernardo Lima, estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa)**